



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE-ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE04912011GR



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

QUINZENÁRIO

Fundador: Padre Américo
Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

25 de Fevereiro de 2012 • Ano LXVIII • N.º 1773

Preço: € 0,33 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

NIB: 0045 1342 40035524303 98 • IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas:

Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

A educação em liberdade compreende o respeito e apreço pela espontaneidade e intuição, próprios do ser humano, características que realçam particularmente a sua beleza no agir de uma criança.

Com o rarear delas nas famílias e, por conseguinte, no ambiente social, vamo-nos apercebendo das saudades que já se vão sentindo de as ver e ter no meio da sociedade dos adultos.

Nos locais públicos, quando aí uma criança se movimenta com sua graça pueril, logo os olhos da maioria se concentram nela, quase admirados, mais parecendo redescobrir um mundo perdido.

Sabemos que são muitas vezes razões altruístas que motivam famílias a adoptarem crianças. Cada qual tem as suas próprias razões. Mas essa não deveria ser a razão mais forte para tomar essa opção. O ser humano para se realizar plenamente precisa de se dar aos outros. Significa isto que precisa de transmitir vida, no contexto familiar natural ou no gastar-se em favor deles. A adopção é um valor que o desequilíbrio da natureza humana torna necessário, mas não exclui a necessidade de criação.

A nostalgia pela criança, já tão sentida hoje, é fruto do desencanto da sociedade de bem-estar, que está doente, pois perdeu a ligação à vida autêntica.

Quando ela é substituída por objectos ou outros seres, perde-se o valor da relação humana e fica-se mais centrado em si mesmo, mais egoísta e mais só.

* * *

Para minorar a realidade de famílias sem casa, ou pagando valores exorbitantes por um canto abrigado das intempéries, lançou Pai Américo o movimento do Património dos Pobres no início da década de cinquenta. Também por essa altura, teve a iniciativa de promover a construção do Bairro D. António Barroso, ou Bairro de Miragaia (Porto), inaugurado um ano antes de terminar a sua vida na terra.

São mais de vinte residências, geminadas duas a duas, com o mínimo espaço necessário à vida de uma pequena família. Até hoje, várias foram as gerações que as habitaram, e fizeram daquele Bairro um local cheio de vida para os desterrados dela.

Uma Comunidade das Criaditas dos Pobres ali viveu até há não muitos anos, com a mesma paixão que fizera Pai Américo construí-lo, estabelecendo lá um infantário para as muitas crianças que por ali cresciam.

Hoje, também lá, quase não há crianças. É um mundo de adultos, alguns de idade avançada. Ao partirem desta vida não ficam as suas casas abandonadas, como acontece por outros lugares. Há sempre alguém em espera, e outros que na oportunidade vêm apresentar o seu caso. São pessoas a viver sós, de magros recursos, mas também casais com filhos com fracos rendimentos ou desempregados, procurando um abrigo pobre como eles, sim, mas digno e num bonito local da cidade.

Com o crescimento do número de pessoas por família, algumas delas foram ocupando, ao longo dos anos, a casa geminada com a sua, quando vagava. Algum desaforo social nos anos das últimas décadas, também facilitou este processo. Hoje, com o desemprego, a diminuição dos subsídios sociais e a insuficiência da chamada habitação social pública, aumentou o número das famílias aflitas para cumprir com a renda ou a mensalidade bancária para a habitação; o Bairro de Miragaia volta a ser muito procurado e aparece como o descanso que essas famílias anseiam.

Tal como com as casas do Património dos Pobres, aos seus habitantes cabe assumir os custos da água e da luz, estando para eles a casa franqueada enquanto dela tiverem necessidade. Em situações de maior indignação, com o apoio de senhoras da Obra de Nossa Senhora das Candeias, vão recebendo auxílio nas suas fragilidades humanas e ajuda nas despesas mais difíceis de vencer.

À semelhança das ruas seculares que a ele conduzem, o nosso Bairro continua a justificar a sua existência, por continuar a ser lugar de caminho, descanso e encontro de muitos com a vida. □

CALVÁRIO

Padre Baptista

Serenidade

DEUS não está ausente dos caminhos dos homens. Estes é que andam, por vezes, longe d'Ele. Desde que o homem quis ser como Deus, começou a andar erradamente.

Pai Américo consagrou a Obra da Rua ao Santíssimo Nome de Jesus, logo no começo desta. Foi n'Ele que sempre confiou. E é n'Ele que nós continuamos a confiar e a Ele nos entregamos. Nunca quisemos confiar em mais ninguém. E, por isso, sentimos a Sua presença, quase real, nos nossos caminhos.

A crise presente, que tantos aflige, está-nos a passar ao lado. Vemos e sentimos naturalmente que ela anda por aí. E muitos são os aflitos que nos batem à porta, angustiados, indefesos, vítimas dos distúrbios e ganância de uns tantos.

A nossa vida continua muito serena. Sentimos até um certo desconforto com a paz que gozamos ao ouvirmos o murmúrio de tantas queixas.

Inocentes, os nossos doentes vivem à margem da crise. Nem



sabem que ela existe ou que ela seja. Vão-se entregando às tarefas da Casa, ajudando, comungando as limitações uns dos outros. E a presença de muitos amigos, que conhecem o caminho do Calvário, é uma constante, para que nada nos falte.

A nossa Casa é, assim, um pequeno refúgio de paz.

Não podemos deixar de louvar o Senhor por esta tão descarada amizade para conosco.

Continuamos a confiar n'Ele e na Sua ternura.

Creio que este nosso viver é já o milagre evidente que justifica a beatificação de Pai Américo. Mas os critérios para tal são outros. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Chorei muito

QUANDO cai alguma lágrima na face do Divino, diz-se por cá que até as pedras da calçada choram. Acabámos de chegar de um itinerário carregado e doloroso de visita a alguns Pobres que nos inquietaram discretamente. Ficámos feridos, não vencidos, com mais este mergulho em contrastes sociais, mas cada vez mais convencidos de que a Caridade é o coração da vida cristã.

Antes disso, revoltou-se a nossa alma depois de mais outra presença judicial, por via de um pequenino, de pai desconhecido, sobre matéria de cujo teor nos reservamos. Apenas esta angústia profunda de uma mãe, solteira, que felizmente o deu à luz, porque não a podemos calar: — *Chorei muito... Gosto muito do meu filho!* Para o ajudar a criar, pediu-nos socorro. Isto de defender os Pobres, de verdade, nos momentos de aflições, não é crime *lesa-pátria*.

O ânimo refreou-nos com a justiça dos carreiros que Jesus nos vai apontando, quando prestamos atenção aos outros, para nos estimular às boas obras. Deus é bom e faz o bem.

Sobre o último embate que tivemos, no terreno movediço, para as bandas da Capital, viemos preocupados com as condições actuais do pai de um menino que gosta do abrigo que tem nesta Família. Afinal, a morada postal não coincidia com a sua toca. Quando nos aproximámos, um rapazito novo que estava conosco disse que era um bairro perigoso, de b... Nem assim nos demoveram.

Vimos casebres, melhor, barracos, e muita gente ociosa, à vista de uma grande artéria. O dito guia tranquilizou-nos, por momentos, e avançámos. *Candeia que vai à frente alumia duas vezes*. Como me afastei dos companheiros e tardava, *ligaram-me para saber*

se estava vivo... O quartito exíguo que tem partilhado e a ausência de viveres deixaram-nos mesmo amargurados. E também por não ter trabalho em vista.

Queremos ajudá-lo e defender o seu filho, por sinal feliz; contudo, ele não se pode nem deve perder nas malhas que enredam populações marginais. Tantas casas sem ninguém, cujos lucros deixaram muita gente empenhada e sufocada.

Os nossos olhos já se tinham aberto às suas necessidades e de outros, e o que deixámos era a terça parte, em bens essenciais, que o burro carregava. Assim, partiu mais leve, pois um resto de frigorífico estava vazio de todo. Aquele tugúrio não tem código postal; todavia, não perdemos o tino quando for possível lá voltar. *O justo conhece a causa dos pobres*.

Afinal, com sorte, ninguém nos deitou a mão naquele bairro e tivemos de virar as costas àquela

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

FAZER MUITO COM POUCO — Nas reuniões da nossa Conferência e certamente nas das outras há quase sempre aquela parte em que se discute e delibera sobre as ajudas em dinheiro, em géneros e noutras coisas às pessoas que acompanhamos. Quase sempre tem que ser pouco, ou então deve mesmo ser pouco para cada uma delas.

Da última vez que reunimos e noutras veio-nos à ideia a dúvida se esse pouco ajuda mesmo ou não. Vamos deixar de lado a questão dos erros que podemos cometer ao ajudarmos de uma maneira, quando deveria ser outra. Vamos deter-nos, apenas, na questão quantitativa de se o ser pouco ajuda mesmo, ou não teria que ser mais.

Os pobres que o são realmente vivem com pouco. Por isso, o que para os outros pode parecer pouco para eles é muito quando vai de encontro às suas necessidades e o sabem aproveitar como deve ser. Esse pouco de ajuda não tem que ser sempre dinheiro, géneros ou outro tipo de ajuda material. Muitas vezes uma das coisas que os pobres têm pouco é informação sobre como tomar decisões que os tornem pessoas mais autónomas e com melhor qualidade de vida, por exemplo, decisões sobre como gerir o pouco dinheiro que possam ter, sobre como cuidar da sua vida doméstica, da sua saúde e da dos seus, etc. Quantas vezes encontramos situações onde a pobreza não está tanto na falta de meios materiais, mas na tomada de decisões erradas, por falta de informação, ou por falta de juízo. Aqui o “pouco” de ajuda que é precisa é informar melhor estas pessoas, ajudá-las a tomar consciência de que estão a ir num caminho errado. Esta ajuda exige muita persistência e corre o risco de ser inglória, mas o Vicentino não pode deixar de o fazer.

Passando ao plano da ajuda material, também o pouco pode ser muito quando, por exemplo, ajuda a pessoa a libertar-se de uma dívida que poderia hipotecar a sua vida futura, ou a ajuda numa fase da sua vida onde se juntam os problemas todos (materiais, pessoais e outros), com o risco disto tudo junto deitar a pessoa abaixo.

Podíamos continuar por aqui fora a referir situações onde, para os pobres, o “pouco” de ajuda pode ser muito. Sem prejuízo das situações onde a ajuda tem mesmo que ser muita, em grande parte dos casos, a “pequena” ajuda, se for bem ponderada, se for bem acompanhada e se for dada com a atenção e o calor humano de que todas as pessoas precisam, especialmente as mais vulneráveis, poderá fazer muito por aqueles a quem se destina.

Os nossos contactos:

Conferência de Paço de Sousa, A/C Jornal O Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa. E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt • Telem.: 965464058 □



PAÇO DE SOUSA

FESTA — Estamos a escrever uma peça de teatro relacionada com tema da nossa Festa — A Obra da Rua — para começarmos os ensaios da mesma.

Iniciaram-se os ensaios dos novos sketches. O melhor acordeão que temos, tinha três peças quebradas, foi para consertar. Agora, já está de regresso e, assim, conseguimos ensaiar a marcha e algumas canções populares.

Aos rapazes das Festas, bons ensaios!

LAR DO PORTO — Temos aproveitado um rapaz, que está a fazer formação em jardinagem, para fazer a poda no nosso vasto quiwizeiro. Os restantes rapazes, juntamente com a nossa D. Henriqueta, têm junto o lixo da poda e colocado, pouco a pouco, nos caixotes da rua.

Às terças e quintas-feiras temos uma senhora que voluntariamente nos dá explicações de Matemática e Física-Química. Obrigado!

Zé Reis

DESPORTO — Este fim-de-semana recebemos a poderosa equipa do Gondim-Maia, da A. F. Porto. Sofremos a primeira derrota de 2012 e a segunda da temporada. Quando elas

não querem, não vale a pena! Fizemos uma primeira parte até ao minuto 44 sem se marcar e sem sofrer golos. No entanto, mesmo em cima do apito final, fruto de uma bola perdida a meio-campo, sofremos o primeiro. Os nossos Rapazes, depois de tanto esforço, acabaram por ir para as cabines a perder por 0-1. Tanto o nosso azar que, logo ao começar a segunda metade, voltámos a sofrer o 0-2. Os nossos ainda marcaram dois golos, mas eles também marcaram mais dois. Estava escrito que não era a nossa tarde. Mesmo assim, nos últimos 30 minutos sufocamos o nosso adversário e falhamos golos como eu nunca tinha visto! Podíamos estar ali o resto da tarde que não acertávamos com a baliza; nunca a baliza foi tão pequena!

Tudo isto se deve, em parte, à falta de calma e, mais do que isso: jogamos mais com o coração do que com a cabeça. Resultado final: Casa do Gaiato 2, A.C.R.C. Gondim-Maia 4.

Uma semana depois, deslocámo-nos ao Porto, mais concretamente ao campo do Sporting Clube da Cruz, para defrontar a excelente equipa de Juniores da A. F. Porto.

Um jogo extremamente difícil. Tivemos muita dificuldade em nos adaptarmos ao terreno. Estivemos a perder por 1-0 e 2-0; depois, os nossos Rapazes conseguiram um período melhor e, fizeram o 2-1 e o 2-2; eles ligaram o turbo e, fizeram dois golos de rajada alterando o marca-

dor para 4-2. Nessa altura, passámos um mau bocado, mas como a quem sabe nunca esquece, ligamos o GPS e nunca mais falhamos a direcção da baliza. Fizemos o 4-3, 4-4, 4-5 e 4-6. Uma recuperação que só acontece a quem joga por amor à camisola, como é o caso dos nossos Rapazes. O nosso «Garnisé» mudou de fala e desta vez, cantou e pôs toda a gente a «cantar de Galo!» Com golos de A. «Garnisé» (4); Joaquina (1) e o «chato» do André «Espanhol» (1), contra os quatro do adversário, fixou-se o resultado final.

Fomos muito bem recebidos por toda a gente e no final do encontro, ofereceram-nos uma merenda.

Do nosso banco, sentíamos que no banco do lado, alguém fazia a festa aos 4-2. Contudo, não reagi da mesma forma ao 4-6. Eu compreendo!... Nós somos pequeninos, mas temos alma de gigantes!

Depois de termos perdido em Casa a semana anterior — por nossa culpa — caiu que nem canja, esta vitória fora de Casa. Os nossos Rapazes nunca perderam a postura dentro das quatro linhas, apesar de uma atitude menos boa de Joaquina e outra de Ricardo Sérgio que, pontapearam a bola em sinal de desespero, pelo facto de, na altura, as coisas não estarem a decorrer como eles queriam. No entanto, nada resolveram e, não ficaram melhor na fotografia por causa disso!

Alberto («Resende»)

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

EXPOSIÇÃO SOBRE PAI AMÉRICO — A Escola EB 2,3 c/ Sec. José Falcão de Miranda do Corvo, em especial a sua Biblioteca, distinguiu, entre Dezembro e Janeiro, como personalidade o nosso Pai (Pai) Américo, com uma exposição de livros, como pedagogo, escritor e Fundador, nesta localidade, da primeira Casa do Gaiato, entre outras acções.

MUDANÇAS — Com a chegada de novas caras, a 14 de Fevereiro, foi preciso dar volta às camas nos quartos da Casa-Mãe, para receber um menino novo. Outro companheiro que veio, foi para o primeiro andar; e o Feliciano desceu para o rés do chão. O Madi foi para uma Escola da zona de Lisboa, a 6 de Fevereiro. Felicidades para todos!

AGROPECUÁRIA — A 25 de Janeiro, na feira de Miranda, compraram-se vários frangos para repovoar a nossa capoeira. Continuou-se com as podas, tendo-se aparado os cedros à volta do terreno junto à rua Casa do Gaiato, onde há umas Alminhas, até ao ovil. A 13 e 14 de Fevereiro, fez-se grande parte da limpeza das ervas daninhas nos nossos terrenos junto aos dois regatos, sendo o percurso maior parte do rio Alhedra, pois as canas e as silvas propagaram-se muito desde o último corte.

BARBEARIA — Alguns Rapazes vão cortando cabelo a outros, às vezes, e fazem-no na nossa barbearia. Desde 8 de Fevereiro, o Sr. João Aurélio, antigo gaiato, tem colaborado com a malta nestes cortes, pois ainda há *Batatinhas*. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

PASSEIO — Ficou assente para Domingo, 6 de Maio, o já tradicional passeio anual para os nossos associados — que se realiza pelo 4.º ano consecutivo. Desta vez, calhou a Óbidos, receber a nossa visita. A concentração para a saída será na nossa sede, com partida pelas 07h00 em ponto!!!! Terá uma escala no Porto, pelas 7h30, em frente da loja do cidadão — estádio do Dragão — para os associados da zona do Porto. Faz já a tua reserva, para o tel. 917414417, pois os 12 euros por associado, é acessível e já sobram poucos lugares. □

DIA MUNDIAL DO DOENTE

Padre João

INSTITUÍDO por João Paulo II em 1992, é celebrado no dia 11 de Fevereiro, Festa litúrgica de Nossa Senhora de Lourdes.

Trata-se de uma ocasião única para avivar a nossa memória, atenção e afecto, para com aqueles que sofrem qualquer patologia ou enfermidade bem como para com todos os cuidadores, profissionais de saúde, familiares e voluntários que lhes prestam assistência.

A doença e o sofrimento permanecem um mistério à compreensão humana. Uma e outro, aí estão; sempre intrincados no âmago da existência humana como companheiros na jornada da vida. Batem à porta em qualquer altura e em

qualquer idade e, às vezes, quando menos se espera.

A Bíblia trata de uma e outro com muito respeito, ao confrontar-se com os seus sinais e as suas consequências, desafiando tanto o fatalismo como a inércia. Não desenha uma reflexão conclusiva sobre causas senão para dizer que não vêm de Deus que é sumamente bom e «carinhoso para com as suas criaturas».

Jesus confronta-se com a doença e com a adversidade que habitualmente a acompanha. É um confronto extremamente activo e empenhado. Jesus não faz da doença um rival nem uma entidade concorrente à felicidade dos

homens. Lida com ela com auto-riedade e interpreta-a, bastas vezes, como ocasião de manifestação da Glória de Deus.

Como compreender, então, as vítimas inocentes, os estropiados de guerras absurdas e fratricidas, de todas as guerras; os deformados, os destruídos por doenças genéticas, os atingidos pelas oncológicas, corroídos no olhar e no coração, sem esperança?

É um grande mistério cuja resposta tem de ser procurada no próprio «sem sentido» da dor, de forma paradoxal. A história humana está cheia de exemplos eloquentes nos quais a dor e a doença se tornaram plataforma de mudanças radicais e providenciais... A mais radical de todas, aquela que deu lugar à própria Ressurreição de Jesus Cristo,

constituída como intervenção decisiva de Deus na história humana, tornando-a paradigmática de todas as vitórias do bem sobre o mal. Ela tornou-se chave de leitura para entender a longa história do sofrimento humano. Quantas mudanças qualitativas na vida humana não encontraram na vitória de Cristo a Sua «pedra de toque»? São incontáveis e prolongar-se-ão até à «consumação final»!

Há-de encontrar-se no meio desse «enigma» que encerra o sofrimento humano a própria evolução qualitativa da Humanidade. O Homem não é um ser feito «à nascença», alguém dado, perfeito, muito pelo contrário, ele transporta consigo o carácter inacabado do ser, «tosco», imperfeito, ao qual, paradoxalmente e providencial-

mente, quantas vezes, o sofrimento, qual «escopo» de artista em massa bruta, confere perfeição.

O rescaldo das duas últimas Guerras Mundiais, no século passado, de tanto sofrimento, fizeram desenvolver o diálogo ecuménico, numa aproximação de pessoas e religiões, unidas pelo sofrimento, conduzindo a Humanidade para a consciência de que «é mais o que nos une do que aquilo que nos separa». Há um longo caminho a percorrer na abordagem do homem sofredor... Os cuidados paliativos e os continuados, ainda numa fase embrionária, hão-de mostrar a todos os sofredores, «aqui e agora» os traços da Ressurreição de Cristo que veio para salvar o Homem todo, apesar da indecifrável indigência que transporta consigo. □

SETÚBAL

Padre Acílio

Dança

Pelo desenvolvimento físico que proporciona, pela estabilidade interior que inculca e pelo gosto artístico que desenvolve, ofereci, na Escola de Dança Contemporânea de Setúbal, aos rapazes com desejo, a oportunidade da sua frequência.

Há mais de vinte anos que dura esta perseverança, a qual se torna pesada e cara pois temos de os levar e trazer quatro e cinco vezes por semana, prepará-los quando são pequenos, pagar o que nos é atribuído, comprar roupas e calçado próprios, sem nunca colhermos o fruto maduro, isto é, surgiram entre eles, um bailarino.

Enquanto crianças, tudo vai com entusiasmo, mas chegando a adolescência, surgem dois papões demolidores. O primeiro é o preconceito de que os bailarinos são maricas e os rapazes gostam de ser machões e o segundo é a idolatria avassaladora do futebol.

Com os músculos e os tendões desenvolvidos e cultivados, os rapazes adquirem uma agilidade física notória e, com alguma habilidade, sonham vir a ser uns "Ronaldos"! Depois, a caça atenta de tantos adoradores do moderno ópio do povo, chamado futebol, logo que descobrem alguma potência, não a largam até a ganharem. Quantos rapazes com arte, capacidade e alma se têm deixado seduzir por um sonho aparentemente mais fácil de realizar por ser jogo, perdendo uma carreira artística para que tinham natural tendência! Quantos, quantos?! E quanto sofrimento desalentador cavaram em nossos corações?!

Sabemos que nada se perdeu. Na consciência de cada rapaz ficou gravado o nosso esforço, o nosso sonho e o seu desperdício.

No fim de semana passado fui a Sesimbra, ao Teatro João Mota, que a Câmara adquiriu, renovou e

actualizou, vivenciar um espectáculo de dança, executado por alunas e um aluno da Academia de Setúbal.

— *Vá lá e leve os rapazes* — pediram-me as professoras.

Dar um espectáculo, traz gozo aos executantes e estimula os espectadores aprendizes que poderão sonhar, verem-se amanhã, no palco a proporcionar arte aos que aplaudem.

A dança é um génio artístico de interpretar e transmitir ideias, sentimentos e emoções através de gestos coreografados em expressões artísticas de corpo humano.

E lá fui com onze gaiatos ver a exibição que achei lindíssima.

Tive pena que a juventude de Sesimbra não assistisse. É que os actores eram tudo gente muito nova, as entradas bastante acessíveis: três euros por pessoa. Estas diversões artísticas moralizam e dignificam instintivamente, transformando-se num banho de beleza automaticamente tomado.

Surpreendeu-me o Ivanoel que, sozinho no palco, interpretou, com mestria, dois números de elevada exigência e me deu a esperança de vir a contar, entre os que criei, um bailarino.

Este moço, tem na sua vida um percurso difícil, aliás, nunca teria vindo para a Casa do Gaiato. As dificuldades têm aparecido inesperada e surpreendentemente, mas ele, mesmo castigado, provou um querer invencível.

Foi um consolo inexplicável vê-lo actuar! E mais: ele é o único rapaz naquele grupo. O resto é tudo meninas.

Os bailarinos, em Portugal, são quase todos estrangeiros, apesar das escolas surgirem em muitos pontos do País.

Um diploma é uma porta escancarada para emprego e uma carreira.

Nós que já gozamos o facto de ter artistas de renome no teatro e na comunicação, iremos em breve,

saborear a alegria de ver, um dos nossos, brilhar, numa companhia de bailado.

Que o Ivanoel ponha tanto interesse em ser homem como apresenta em ser artista. O caminho assim, estará aberto e todos ganharemos.

Pobres

Os Pobres, em Casa, são uma constante. Não há Sábado nem Domingo nem feriados. Cada dia que nasce, traz-nos uma multidão deles!

Pouca gente se aperceberá da gravidade social criada, como nós, que somos obrigados a carregar com ela, diariamente. Apesar de termos sempre que dar e nada vindo de instâncias oficiais ou comunitárias, o mau estar das pessoas, as suas carências e seu desespero crescente, derrotam-nos tanto que, sem querer, já perguntamos: — *Até quando?*

Os rapazes mais velhos passam o dia na escola, nos empregos ou nas nossas oficinas, fora de Casa, só nos dias desocupados, é que estão em Casa. Dá-me pena. Também eles se não apercebem.

A presença dos Pobres, em nossa Casa, é uma grande chamada à realidade da vida.

Ajuda

Um grupo de trabalhadores, do **Hospital Particular de Lisboa**, combinou, fez uma campanha, recolheu alimentos e veio trazê-los. Há por ali alguém, que lê O GAIATO, se incendeia e pega fogo. Conforta-nos e compromete-nos. Tendo que dar, teremos mesmo que distribuir.

— *Ponha lá no jornal a ver se juntamos mais gente* —, pediram-me as zelosas ofertantes.

Ter trabalho e salário, é hoje um privilégio e quem goza desta graça deve economizar o possível e repartir dela, pelos infelizes desempregados. □

DOCTRINA

Pai Américo

Nos braços da Cruz



«**C**RUZ — instrumento da Paz. Aonde existir o ódio, que ela difunda o amor. Aonde a ofensa, que ela leve o perdão. Aonde a discórdia, que ela faça a união. Aonde existir o erro, que ela erga a verdade. Aonde a dúvida, que venha por ela a fé. No desespero, seja ela a esperança. Nas trevas, venha a Sua luz. Na tristeza, a Sua alegria.»

NÃO são minhas estas palavras, mas a adaptação, sim. Sugeriu-mas a fotografia dum rapaz da nossa Aldeia, que não sei por que bulas me veio ter à mão. A voz da nossa Aldeia é a Cruz. A incrível aceitação da nossa Obra vem pela Cruz. Mesmo aqueles que não acreditam nem esperam nem amam, até esses, digo, é por via daquele Sinal que esperam, que acreditam e que nos amam! Não é de admirar que amanhã dê a própria vida pela doutrina da Cruz, quem antes apostaria em derrubá-la. O que admira é haver infelizes que a neguem até ao fim! Perversão!

ESTE mancebo veio por duas vezes à nossa Aldeia procurar um abrigo que o Mundo lhe não dava. Ele conhece os calaboiços de César. Tem a experiência das mãos armadas! Veio por duas vezes e à segunda ficou. Ei-lo hoje nos braços da Cruz, a perdoar! É no perdoar que somos perdoados.

Noutro dia houve um tribunal no Lar do Ex-Pupilo dos Reformatórios de Coimbra. Tratava-se de um caso sério; talvez expulsar um deles. Levanta-se um e diz: «Por ora não. Perdoemos. É no perdoar que mostramos a nossa força».

Não me canso de medir e saborear a formosa atitude deste meu filho, tendo a Cruz por mirante e ao longe o sol nascente. Não me canso. É espontânea. Mal sabia ele, e eu tão-pouco, que *posava* para a festa do quinto aniversário do «Famoso»!

ELE está com muita firmeza e com muita dignidade a pedir ao Mundo que o não engane, se e quando um dia venha a sair deste seu ninho.

É o que significa aquele porte sereno e vistas ao largo. A sua frente bate nos braços da Cruz. Como ele veio, senhor! Como este moço aqui chegou!! Este e todos. Ele pede aos chamados grandes e aos influentes que exerçam o seu poder, servindo. Que não escolham, porque também Deus o não fez; e que comecem por servir os que mais precisam. É o que significa aquele porte digno e sereno, frente a bater na Cruz.

SE ele, um dia, saído da sua Casa, houver de tornar a comer, sem culpa, o que dantes vomitava; se tal for, eu digo em nome da justiça e da verdade que chegou o fim. Só um baptismo de sangue. Que nós já estamos no baptismo de sangue! É pena que conheçamos as estações do ano e não o sinal dos tempos. A Igreja já sangra! Protestamos em nome dos princípios eternos, mas não realizamos consoante. Exemplo: «Quanto ao José Pinto, ninguém aqui sabe nada dele. O próprio carcereiro que lhe dava de comer, nada sabe: nem da família nem do local aonde ele teria vivido na Régua.»

Eis aqui os elementos de uma ficha social. Uma alma! Fosse só esta, mas são legiões! Sabemos e não realizamos.

Do livro *Doutrina*. 2.º vol.

e já pensámos em arranjar mais algumas pocilgas para aumentar a produção.

As aulas já começaram e, este ano, temos como novidade que os mais pequenos estudam de manhã e os maiores à tarde. Por isso, estamos com alguma dificuldade para organizar o Edital dos trabalhos e ir vendo quais os rapazes que podem entrar para a nossa Casa, durante este ano.

O Padre Telmo viajou para Moçambique, para visitar o Padre Quim e a Casa do Gaiato. Supomos que regressará daqui a um mês.

Finalmente chegaram as primeiras chuvas, depois de mais de dois meses de seca e de perdermos quase toda a nossa plantação de milho, resta-nos a consolação de podermos fazer nova sementeira nesta segunda temporada. □

MALANJE

Padre Rafael

Se quiseres poderes curar-me

QUANTAS vezes repeti estas palavras ao longo da minha vida, porque, na verdade, ser discípulo supõe, entre outras coisas, ser consciente das imensas enfermidades que vivem no nosso interior. A resposta sempre a encontrei onde surgiu a pergunta... QUERO, FICAR LIMPO. O problema é tomar Jesus a sério. Quando, para nos limpar, nos envia a apresentarmos-nos perante o sacerdote, não é porque seja necessário, mas sim porque normalmente nós não acreditamos e precisamos que no-l'O confirmem. O problema vem depois, quando nos convida a vivermos limpos e nos recorda os nossos erros.

Ao que parece, trouxe-o um cubano, um jovem que passou um tempo na Casa do Gaiato. Segundo

conta a Irmã Marlene, apareceu com uma enorme borracheira e trazia um pequeno pela mão. «Se não o trago para a Casa do Gaiato, qualquer dia aparece morto, porque a sua mãe é alcoólica e as suas irmãs não querem cuidar dele», disse ele, chorando. A Irmã mandou alguns Gaiatos lavá-lo, vesti-lo e dar-lhe de comer e, por fim, trazê-lo até mim.

Estava no escritório a preparar alguma correspondência, quando me aparece um pequeno e se coloca junto a mim. Ao perguntar-lhe o nome, disse: «Sambumba»; eis que me ocorre um guarda que foi assassinado na Carianga, há tempos, e, ao que parece, este é o seu filho mais novo. Depois, perguntei-lhe a idade, ao que me respondeu ter 9 anos — evidentemente, não teria mais de quatro.

Então, disse-lhe que não podia ficar na Casa do Gaiato porque era muito pequeno, e ele começou a tremer. «Muito bem, és muito pequeno, mas se me fizeres um desenho bonito, deixo-te ficar», disse-lhe, para o acalmar um pouco. Dei-lhe papel e lápis e ele começou a desenhar, enquanto olhava para mim uma e outra vez. Por fim, mostrou-me o que desenhara, disse-lhe: «Afinal és muito pequeno, mas muito inteligente para poderes ficar connosco». Os outros «Batatinhas» começaram a bater palmas e levaram-no para lhe mostrarem o quarto onde iria ficar.

Estamos muito contentes com os nossos porcos. Desde que vamos, todas as noites, pelos restaurantes da cidade recolher sobras, eles estão mais gordos;

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

COMEÇO este Património, com a esmola de um nonagenário, uma montanha de sabedoria!

Com este esclarecimento: — *Para socorrer os necessitados que com frequência o procuram.*

Dei-a à mãe de dois filhos, um deles deficiente, a qual, me relatou ter ido ao tribunal pedir que este obrigasse o progenitor a pagar a pensão aos meninos e para andar com o processo seria necessário investir 80 euros.

«Um pouco do meu subsídio de Natal», 50 euros, de Coimbra, e o mesmo, mensalmente, da Maria Susana e do Afonso e uma vez só, de Bruscos e Esmoriz.

Com regularidade mensal, o João, agora transfere 100 euros, tendo a mesma quantia vindo também de antigos gaiatos, da Maria Amélia, de Cascais, duas vezes, do Seixal, de Lisboa, Mem Martins, Ramada, Porto, Celas, Coimbra, Mirandela, «Como ninguém é tão pobre que não possa ajudar, nem tão rico que não venha a precisar», Assafarge, Aguiar da Beira, Carvalhos e Rua das Amoreiras de Lisboa.

Cento e vinte cinco, de Leiria; vinte, de Beja; oitenta, da Ana, de Azeitão; trezentos, de um padre e o mesmo de um

diácono. Duzentos e cinquenta, do Ramiro e 150 euros, de Vila Nova de Gaia.

Da Ladeira do Vau o valor de dois fios de ouro: 1600 euros e a ordem severa de que ninguém saiba. Oitenta, da que já se despojou de todo o ouro em favor dos pobres e anseia penitentemente a santidade. Mais trezentos, da Maria Emília, da Ausenda, da Zélia, da Maria Irene, da Maria de Fátima, com «*Ler O GAIATO, jornal pequeno, simples, sem cores nem títulos altamente sugestivos, é o sentir em cada página a cor da verdadeira vida, a verdade do Evangelho tornada realidade, o caminho do bem e do amor! Que Pedagogia, que lições, que graça nos é dada em cada pedacinho que se lê!... como nos sacode, como nos desperta, como nos comove, como nos torna mais humanos e mais irmãos de todos os irmãos!... Que pena não entre em todas as casas para despertar consciências adormecidas, varrer os egoísmos e os comodismos bem como os gastos desmedidos e supérfluos.*»

Arrifana de VFR: «*Permito-me enviar 500 euros retirados de um fundo que reforço todos os meses para acudir a algum necessitado de que vou tomando conhecimento.*»

Uma forma cristã de amealhar dinheiro! Pensando nos outros!

A mesma quantia da Cova da Piedade, Costa da Caparica, Penha Garcia, Maria Helena, de Lisboa, Celeste de Miranda do Corvo, Queluz, Arcozelo, Cardigos e São Pedro do Sul.

Seiscentos, de Alvega; 700, de Braga, e mais 350, de Cascais.

Duzentos, da Rua Cidade da Beira, Lisboa, Caldas da Rainha, Ponte de Vagos, Mortágua, Almada, Castelo Mendo e Santa Marta de Penaguião, também com: «*Não sou rica mas tenho saúde, graças a Deus, e o suficiente para ir vivendo com simplicidade e dignidade. Por isso quero partilhar com quem mais precisa.*»

É fácil verificar que o trabalho, no íntimo das pessoas abertas é feito pelo Espírito de Deus! A Ele devo dar graças, e com Ele me comprometer.

Ainda também 50 euros, de Pinheiro Bemposto, e 250 de um neto da minha professora, a lembrar-me que ela fará cem anos, no próximo Abril.

Mais mil, de Braga, Paço de Arcos, Almada, Oeiras e 1500, do Porto, de Lisboa e da Maia.

Mais um hino de louvor ao Senhor Nosso Deus que tudo vê e regista no livro da vida! □

Testemunhos de intercessão a Pai Américo

«*GOSTARIA de partilhar convosco, (na sequência de “informes” que tenho enviado) mais um verdadeiro “militante” o que me tem vindo a acontecer, no campo artístico, (concretamente na escultura) desde que fiz o busto do Padre Américo que se encontra exposto na Casa do Gaiato de Setúbal.*

A última escultura que fiz, a de S. Francisco Xavier, para a Nova Igreja de S. Francisco Xavier, no Restelo, em Lisboa, sinto-a como mais uma “grande graça” que Deus me concedeu através do Padre Américo.

Foi após eu ter feito o seu busto, e lhe ter pedido a sua intercessão que toda a minha actividade, enquanto escultora, se desenvolveu extraordinariamente.

É verdade que tenho o curso de Escultura da Faculdade de Belas Artes, mas ter o curso é uma coisa, trabalhar em escultura é outra, mas ter encomendas nos tempos actuais e conseguir realizá-las colocando nelas os meus sentimentos... é algo que, sinceramente, ultrapassa a limitação humana!

Por tudo isto, agradecia que este meu testemunho pudesse, de algum modo, contribuir para a Beatificação do Padre Américo, já que o invoquei várias vezes ao longo do trabalho.»

Assinante 80619

POR muitas razões e de muitos modos, Pai Américo está presente no coração de tantas pessoas, em cujos sentimentos podemos encontrar um denominador comum: o amor ao exemplo da sua vida, e a confiança na perenidade desse amor.

Só o amor vence as barreiras e limites humanos e ajuda a alcançar todos os bons anseios que nascem no coração do homem.

Foi esta mesma confiança que a nossa Amiga deixou espelhada no rosto deste busto de Pai Américo, primeiro executado em gesso, sem se saber se teria outro acabamento e, depois, em bronze, por iniciativa de um grupo de amigos.

Padre Júlio

BENGUELA

Padre Manuel António

Pedras vivas da nação

TENHO andado, numa roda viva, à procura de empregos para os rapazes que estão na idade de sair da Casa do Gaiato. É, sem dúvida, uma das grandes aflições por que passa a nossa vida, no momento presente. São muitos. A vida parada gera, normalmente, hábitos que não são saudáveis para os próprios, nem para os que vivem em comunidade. Daí, o peso muito grande no nosso viver diário. Contudo, a esperança não morre. Há sinais animadores, de vez em quando. Há dias, em conversa com o alto responsável duma grande empresa de construção civil, falei-lhe deste problema verdadeiramente aflitivo. A sua dedicação à causa muito nobre da nossa Casa do Gaiato levou-o a abrir as suas portas. Alguns estão a aproveitar esta oportunidade. São, contudo, rapazes que já estão a viver a sua autonomia, mas desempregados. Por isso, vêm constantemente bater à nossa porta e aumentar as nossas aflições. São os de fora e os de dentro. Estamos à espera doutras oportunidades. Gosto de partilhar convosco estes momentos difíceis da nossa vida, para melhor nos conhecermos e amarmos. É uma forma de sentirmos o alívio da vossa companhia. A distância e o tempo não são barreiras ao curso do amor.

Chegou o pequeno, de Luanda. Tem doze anos, mas não estava registado, até há poucos dias. Começou a frequentar a nossa escola. Quem dera a sua adaptação seja o princípio seguro do seu edifício humano, a construir. O peso morto da sociedade, neste momento, vai tornar-se uma pedra viva da nação. Assim esperamos e tudo faremos para o ajudar a ser um homem. Fazer de cada rapaz um homem é um lema que marca a vida da Casa do Gaiato. Este projecto maravilhoso consumiu a vida de Pai Américo e queremos consuma também as nossas vidas. Só o dom da vida é capaz de gerar vidas novas. Só o amor verdadeiro é a fonte desta maravilha. Os pais que se amam verdadeiramente conhecem esta verdade. Os seus filhos testemunham-na como frutos que são. Ao contemplar a grandeza territorial de Angola, cujo mapa tenho diante dos meus olhos, sinto a necessidade de amor que falta à multidão dos seus filhos mais pequenos. Os pedidos são constantes. Espero receber mais um pequenino, no final desta tarde, em que vos escrevo. Tem seis anos. Foi encontrado totalmente abandonado. Os seus anos são um cálculo, porque não há testemunhas do seu nascimento. Irá frequentar a pré-escola. Por isso,

o espaço ocupado pelo grande número de rapazes mais velhos, é vital para estes filhos mais pequeninos. Daí, a nossa grande aflição, partilhada convosco.

O ano lectivo 2012 começou. Temos dito sempre que a criança, nas várias fases da sua vida, tem na escola o alimento da sua inteligência, como no refeitório está o alimento do seu corpo. Por isso, Pai Américo, desde o início das Casas do Gaiato, há 72 anos, pôs a escola e o refeitório como companheiros inseparáveis. No encontro com os professores, recordamos o seu papel de educadores, com o coração de pais e mães. É uma vocação muito linda. Por isso, deve ser um caminho de felicidade para professores e alunos. O desenvolvimento duma nação passa, necessariamente, pela escola. Contudo, não basta a preparação técnica para o bom desempenho da missão tão humanamente rica. Este factor é muito importante. É necessário, porém, o amor para dar vida e eficiência ao serviço prestado aos filhos que frequentam a escola. Por outras palavras, os bons professores têm coração de pais e de mães.

Continuamos à espera da ajuda tão necessária para a recuperação das nossas casas de habitação! São necessidades que partilho, também, convosco. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

encosta, com cogumelos de tijolo, para apertarmos as mãos do nosso amigo.

Estivemos a sangue frio e não ficámos anestesiados. A dor aumentou, pois estivemos também com uma jovem mãe, em pranto, e uma pequenina nos braços, pedindo-nos que a ajudasse, por outro filhito, espertito, sob vigilância cardíaca. Foi mesmo de coração esfrangalhado que arriscámos nesta emergência. Sobrevive, pois o pai das crianças teve de emigrar. Será que é um favor ajudar e dignificar quem transmite e promove a vida humana?

Há uma tendência social para usar e abusar de auriculares, mesmo na via pública, e ainda elevar o som dos aparelhos. Os gritos dos Pobres sinceros fazem bem à surdez, pois tiram-nos dos varandins.

Jesus não pediu ao Pai celeste para nos retirar do mundo, mas para nos livrar do maligno. Porquê o ciúme de algumas mentalidades que querem empurrar os cristãos só para as sacristias, quando a massa a fermentar está na sua maior parte faminta e sedenta de justiça? É verdadeiramente inútil aguentar a falsa religiosidade popular, de estrondos no ar, pois há irmãos nossos que não têm casa digna nem pão para criar os frutos das suas entranhas. Por isso, *Jesus chorou...* □

PENSAMENTO

Pai Américo

Ele poderá haver no mundo um povo sem tribunais, sem cadeias, sem força armada; chaves na porta, janelas abertas, gente de braço dado? Poderá? Não pode. Porquê? Por via do pecado original. Então quê: tudo pedido? De maneira nenhuma. Menos tribunais, menos cadeias, menos trancas, menos crimes, onde reine o Evangelho. *Venha a nós o Vosso reino.* Não sei se me faço compreender. Quisera que todos compreendessem. □